

5 Conclusão

Percorremos nesta pesquisa um caminho que há muito tempo merecia ser trilhado. Uma exploração do trabalho de um dos grandes ilustradores literários do Brasil e da América Latina. Este caminho poderia, ter seguido tantas direções quanto há variedade na vasta obra artística de Rui de Oliveira. A exploração poderia ter nos levado à arte da animação, com seus motivos nacionalistas e engajados. Ou poderia ainda, perder-se somente nas questões ideológicas que cercam o valor do artista que tenta seguir suas tradições em busca de realização pessoal e do respeito a seus próprios ideais. Este último motivo, aliás, ajudou esta pesquisa a encontrar seu foco através de um conhecimento mais íntimo do artista Rui de Oliveira e atingir seu objetivo inicial.

Observamos desde a introdução de nosso trabalho como, desde o início de sua vida artística e educacional, Rui de Oliveira sempre esteve estreitamente ligado às práticas manuais e artesanais no que diz respeito às artes visuais. Em especial, a pintura, o desenho e a gravura, imprimiram neste artista uma marca que ainda hoje é usada com orgulho, transmitida como herança a novos artistas e pregada como a melhor maneira de se manter artista sem perder sua história pessoal e seu estilo criativo.

Rui constrói seu estilo como qualquer outro artista aspirante: imitando e experimentando com seus mestres e ídolos. Encontrou em muitos artistas do leste europeu referências que se mostraram vitais para a formação do seu estilo e, mostram-se hoje para o *corpus* desta pesquisa.

Este estilo vai tomando forma através do uso de técnicas ligadas, principalmente, às suas preferências artísticas. Chegamos a perceber, logo, que ser artista é, para Oliveira,

esta existência exploratória pelas formas de abordar conceitualmente um tema e representá-lo visualmente com sucesso.

Ao longo desta permanente exploração, acompanhamos, nesta pesquisa, a evolução artística, vista nas escolhas feitas por Rui de Oliveira ao exercer sua função de artista narrativo. Testemunhamos, mesmo que academicamente, que estas escolhas propunham-se a adequar-se à narrativa, ou, no caso da literatura infantil trabalhada pelo artista, adequar-se ao texto.

Ao traçarmos o caminho percorrido por este ilustrador, tornou-se fácil a apreensão do que podemos denominar de estilo do autor através de pequenos, porém importantes elementos, presentes na técnica de representação de Oliveira. Tais elementos, através da observação, transparecem junto as suas repetições.

Vimos que, através da repetição, foi possível o estabelecimento do estilo do artista. Entre estes elementos visíveis, detectamos algo importante. O traço e o desenho de Oliveira não seriam o suficiente para a determinação deste estilo, visto que este constantemente modificava-se, de acordo com o texto ilustrado. Era, logo, um aspecto potencialmente desimportante na busca por esta repetição de elementos.

Elementos, porém, que alcançaram esta importância vital no estabelecimento deste estilo, eram as soluções na representação visual da figura humana. Rui de Oliveira, desde sua infância, possuía semelhanças notáveis na representação da figura humana. Elementos, tais como, mãos, cabeças e olhos, desde cedo, até a atualidade, contêm estas pequenas semelhanças, que são, no entanto, vitais em sua representação e, mais ainda, no reconhecimento da identidade de Oliveira.

O que chamamos de tríade mãos/olhos/gestos, encontra-se naquilo que podemos chamar da artéria central do trabalho deste ilustrador. Oliveira, durante sua formação esteve sempre, e de forma muito profunda, influenciado pela técnicas estéticas e narrativas do teatro.

O que detectamos então, na tríade mãos/olhos/gestos são, quase sempre, e de maneira específica, o gestual utilizado por atores em seu trabalho teatral. Cada parte do corpo, assim como suas inter-relações, fazem parte da construção deste gestual, que por sua vez adapta-se, pouco a pouco, a narrativa literária, contida nas páginas de um livro infantil.

A literatura infantil, campo principal do trabalho de Rui de Oliveira, compõe um dos temas principais deste trabalho. Com uma vasta obra, Oliveira, possui, como foi diversas vezes mencionado no texto aqui presente, uma gama estética tão variada quanto possível. O escopo, obviamente, obrigou-se a limitar-se sobre um aspecto muito específico da obra de Oliveira, suas criações visuais em preto e branco.

Esta opção estética, especificamente, está sujeita a outras formas de leitura, bem como pode ser o mote para o levantamento de novos debates artísticos.

As soluções estéticas utilizadas por Oliveira possuem, assim como o teatro, uma forma específica de transmissão de conteúdo textual, muitas vezes similares àquelas utilizadas pelo ator no palco. Este tipo particular de transmissão narrativa, realizada com a ajuda do gestual, para realizar a entrega da dramaticidade necessária é um recurso que, ao ser realizado por Oliveira, nos remete diretamente às soluções dramáticas, ideológicas e estéticas do movimento expressionista alemão.

Rui de Oliveira, desde o início de sua educação artística formal, sofre a influência direta do desenvolvimento cultural realizado pela Alemanha, dentro e fora deste país. Tendo estudado em Budapeste, Oliveira é, obviamente, exposto a esta cultura, visto que a própria cultura húngara foi também muito influenciada pela alemã.

Todas as nuances e detalhes das técnicas de representação desta cultura, e mais importante ainda, suas preferências temáticas e de abordagens narrativas, formaram neste ilustrador uma forte raiz cultural, que passou a influenciar todas as suas criações até a atualidade.

Assim como Rui de Oliveira, o movimento expressionista e seus membros, possuem a influência direta desta formação cultural secular. Buscando uma mudança ideológica, política e artística, os representantes do expressionismo buscaram, com suas criações, causar esta mudança.

Os recursos estéticos utilizados por estes expressionistas, no início do século 20, incluem também, aqueles do ator e do teatro tradicionais. Como forma de expressão, com o intuito de comunicar sua nova ideologia, o artista expressionista, inclui em sua obra, elementos de cena e dramaticidade, tradicionalmente contidos no teatro e na literatura.

Como movimento artístico, o expressionismo abarca diversas modalidades artísticas, incluindo as artes plásticas, literatura, dança, teatro e o cinema. Este último em importante fase evolutiva, afinal, entendia-se ainda como uma forma artística de pouco mais de 30 anos, desde a invenção do cinematógrafo por Auguste e Louis Lumière.

Assim como a pintura, o cinema, e o expressionismo de uma forma geral, fazia o uso da cena para a expressão a que se dispunha a transmitir. No cinema, talvez até mais que no teatro, a cena ocupava um grande cargo.

Apesar de lançar mão de quase todos os recursos narrativos do teatro, o cinema expressionista era desprovido de um deles, importantíssimo ao ator: o som. Este cinema, então mudo, passa a se valer de uma carga dramática, fornecida pelo ator, de maneira mais específica. Exigindo deste artista, novas maneiras de expressão.

O olhar de seus atores, assim com na obra de Rui de Oliveira, ganha mais importância com este novo ator, que agora atua para as câmeras e pode ser visto de tão perto quanto possível, graças aos novos recursos proporcionados pela tecnologia e pelas lentes.

O ator do cinema expressionista busca uma forma mais sutil de atuação que aquele visto no teatro, porém ainda possui a técnica do teatro, e ainda possui o exagero, que se faz necessário para que a cena seja compreendida sem o poder da voz do ator, uma vez que o cinema ainda não possui áudio.

É exatamente este cinema mudo, no entanto, que nos interessou quando relacionamos a arte da ilustração literária de Rui de Oliveira ao cinema expressionista. As similaridades estéticas - utilizamos somente a obra em preto e branco de Oliveira - ganham mais força, e a relação entre as duas artes passam a se estreitar devido a ausência de som destas obras cinematográficas. Este fato, unicamente, consegue trazer a narrativa cinematográfica para mais perto da ilustração literária, pois passa a utilizar os recursos que possui de maneira a que o espectador obtenha a total compreensão através das imagens e da interpretação que esta exibe do texto.

Através de uma expressão similar, Rui de Oliveira passa a representar suas cenas e atores com uma veia expressionista inconfundível. As limitações das cenas passam a ser meramente técnicas, tanto no cinema expressionista quanto na obra de Oliveira.

Enquanto, no tocante a diagramação e composição, temos, no cinema os limites da lente, do filme e da tela, temos, na ilustração literária os limites da página e como a imagem dará espaço ao texto escrito proporcionando a melhor convivência e complementação possíveis.

O cinema possuía a limitação técnica da falta de áudio, visualmente precisava recorrer a lentes, espelhos e cenários pintados tradicionalmente, não se distanciando muito das mesmas técnicas utilizadas pelo teatro. A ilustração de Oliveira, por sua vez, só conta com a representação impressa, lançando mão de todas as técnicas de representação e expressão da pintura (grafite, tintas, nanquim etc).

Essas limitações, de ambas as formas de arte observadas nesta pesquisa, apesar de diferentes são pouco importantes quando analisamos os resultados produzidos pelas mesmas. Estes resultados, tanto no campo estético quanto no temático, são tão similares, que a tarefa de separar Rui de Oliveira cronológica, geográfica ou artisticamente do movimento expressionista alemão, passa a ser uma de difícil realização.

Tematicamente, Rui de Oliveira, opta por realizar obras de cunho fortemente expressionista, chegando a ilustrar obras literárias abordadas pelo expressionismo à sua época. *Fausto* sendo um destes exemplos. Oliveira exibe em diversas outras

obras literárias, a preocupação expressionista na construção da cena e, principalmente, na disposição e expressão emocional e dramática das figuras.

Foi-nos possível observar o estreito parentesco entre cenas selecionadas de filmes expressionistas alemães e ilustrações de Oliveira. Suas correspondências em composição e construção emocional ficaram mais óbvias uma vez que identificamos diversos elementos formais - na forma de linhas, tensões lineares, divisão e posicionamento de elementos - que nos ajudaram a reconhecer tais equivalências, fossem elas formais ou abstratas.

Com nossas atenções voltadas a Fritz Lang, F. W. Murnau, G. W. Pabst e Robert Wiene, cineastas selecionados para esta pesquisa, nos familiarizamos com certas preferências expressionistas. Sejam elas estéticas ou apenas ideológicas, concretas ou abstratas, estas preferências caracterizam o cineasta alemão expressionista.

Tais preferências, dificilmente, podem ser separadas do ilustrador Rui de Oliveira. Plasticamente, o preto, o branco e seus tons de cinza ocupam posição de honra nos caminhos estéticos percorridos pelo artista, caminho este ainda hoje muito avaliado como sendo o melhor.

A ideologia, mesmo que não exatamente a mesma que povoava o imaginário daqueles criadores expressionistas, habita o mundo de Oliveira. Ideologicamente, este grande ilustrador busca mudar o mundo onde habita. Se não o mundo inteiro, as mentes com que tem a oportunidade de manter contato. Um evangelista, Rui de Oliveira, se dedica, tal qual seus predecessores alemães da década de 1920, a espalhar a ideia de que na arte da ilustração - ou em qualquer uma delas - o artista não deve jamais deixar de ser um explorador, e transmitir, por sua vez, esta noção aos próximos.

No campo da ilustração presente - e futuro - Rui de Oliveira se manterá importante, assim como no campo do design gráfico, esta pesquisa tenta, modestamente - com a prática de um misto de técnicas acadêmicas de projeto e de artes plásticas - abrir os olhos de pesquisadores e artistas visuais em tantos meios narrativos e visuais quantos forem possíveis em nossa contemporaneidade.